

A expressão sintática da estrutura argumental na interlíngua de surdos aprendizes de português L2

Hely César Ferreira

233

Resumo

O presente trabalho busca analisar a produção escrita de alunos surdos matriculados em contexto educacional, na Escola para Surdos de Uberaba-MG. O objetivo principal é fazer a verificação a expressão sintática dos argumentos interno e externo na interlíngua produzidas por surdos aprendizes de português como segunda língua, considerando a interferência da L1, a Língua Brasileira de Sinais. Espera-se, com esses resultados, apresentar fundamento teórico para a elaboração de metodologia de ensino de português como segunda língua (L2). Partindo da hipótese de que a aquisição de L2 é mediada pela primeira língua (L1), com acesso parcial à Gramática Universal (GU) (cf. Chomsky 1986; 1995; White 2003), tem-se a observação de que a interlíngua não viola os princípios da GU. Como metodologia foram colhidos os textos produzidos pelos alunos surdos, através de diferentes técnicas e recursos, a fim de propiciar a criatividade e a capacidade dos alunos surdos de externar seus pensamentos de forma clara e objetiva; procurou-se utilizar vocabulário que estava sendo trabalhado em aula (verbos, substantivos, adjetivos, pronomes, preposições) em português; e criar a produção textual como histórias, frases contextualizadas por meio da pedagogia visual. Após análise preliminar foram encontrados problemas na realização de argumentos internos e externos, pois, em muitos casos, eles ocorrem nulos, sem um referente citado anteriormente.

Palavras-chave: Português L2. Estrutura argumental. Surdos. Educação bilíngue.

1. Introdução

Os estudos linguísticos na área de língua de sinais tiveram início a partir de 1960, com o linguista americano Willian Stokoe, que, após buscar os conhecimentos sobre a teoria saussureana, iniciou as pesquisas sobre língua de sinais e confirmou ser esta a língua natural de surdos, ou seja, a primeira língua (L1) dos surdos.

As línguas de sinais são formadas por sinais que têm características como: formas/ configurações da mão, movimento, posição do corpo, e são sistemas linguísticos legítimos e naturais, utilizados pelas comunidades surdas, em que as estruturas linguísticas são veiculadas na modalidade viso-espacial. A partir da concepção de que os sinais nas línguas viso-espaciais correspondem ao que vem sendo chamado item lexical, e que itens lexicais são as palavras de uma língua, como

podemos perceber na definição de um conjunto das unidades significativas, concluimos que, nas línguas de sinais, existem também itens lexicais, que recebem o nome de sinais, que transmitem os significados.

Como as línguas naturais existentes, a Língua Brasileira de Sinais, conhecida como LIBRAS e também como LSB, “é composta por níveis linguísticos como: fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática e semântica” (Quadros e Karnopp, 2004).

Se a LIBRAS é a primeira língua dos surdos, então a língua oral, a língua portuguesa, é a segunda língua, e a escola deve desenvolver apenas na modalidade escrita. Os surdos entram em contato com a escrita para serem alfabetizados em português, portanto a modalidade escrita deve ser desenvolvida na escola. “A língua que o surdo tem como legítima e usa não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema viso-manual, portanto muito diferente do oral-auditivo” (Silva, 2001, p. 48). Nesse caso, vimos que a aprendizagem da escrita corresponde à segunda língua para os surdos.

Consideramos que a opção pelo bilinguismo resulta em uma situação linguística que envolve o uso de duas línguas distintas na comunicação. Assim, a existência de duas línguas no ambiente do surdo, e o acesso adequado ao input linguístico torna o surdo bilíngue. O decreto 5626/2005 estabelece que “a Educação dos Surdos no Brasil deve ser bilíngue, garantindo o acesso à educação por meio da LS (Língua de Sinais) e o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2)”.

Este trabalho tem o objetivo de analisar a expressão sintática da estrutura argumental na interlíngua de surdos aprendizes do português L2 e verificar como ocorre a aquisição dessas estruturas, tendo em vista a hipótese da interferência da L1, a Língua Brasileira de Sinais, no desenvolvimento linguístico. Para tanto, vamos analisar a interlíngua de surdos em contexto educacional, na Escola para Surdos de Uberaba-MG, uma escola que adota a instrução bilíngue (português (escrito) e LIBRAS). A gramática da LIBRAS descreve regras que combinam os sinais formando frases que se diferenciam das estruturas linguísticas das línguas orais, como na

língua portuguesa (LP), em que a concordância verbal é realizada por meio das conjugações verbais, em que ocorre flexão de modo, tempo, pessoa e número. Pelo fato dos surdos não possuírem acesso às informações orais como os ouvintes, esse grupo necessita de um meio escrito ou viso-espacial para receber qualquer tipo de informação.

235

Salles et al (2004, p. 121) afirmam “que os textos de alunos surdos possuem normalmente enunciados curtos, vocabulário reduzido, ausência de artigos, de preposições, de concordância nominal e verbal, uso reduzido de diferentes tempos verbais, ausência de conectivos (conjunções, pronomes relativos e outros), falta de afixos e verbos de ligação, além de uma suposta colocação aleatória de constituintes na oração”. Essas características indicam que existe dificuldade na aquisição de categorias gramaticais da língua alvo. No presente estudo, a análise da estrutura argumental demonstra que a dificuldade dos aprendizes está situada no uso do sistema pronominal e na flexão verbal.

Portanto, a hipótese de trabalho é que, no processo de ensino-aprendizagem, as crianças surdas têm mais facilidade no aprendizado de português como L2, desde que a metodologia seja adequada para desenvolver o conhecimento da língua como L2. Nesse sentido, é importante também que a criança surda tenha condições de adquirir sua L1 (LIBRAS).

O presente estudo propõe-se fazer a análise da interlíngua, considerando a produção de textos e sentenças em língua portuguesa por surdos matriculados em escola bilíngue que têm a LIBRAS como primeira língua (L1). Na seção 2, fazemos a apresentação do problema, e em seguida, apresentamos o problema de pesquisa e os objetivos do estudo; na seção 3, fazemos uma síntese do referencial teórico, considerando o problema lógico da aquisição de L2, e em seguida, o conceito de estrutura argumental e a teoria da estrutura oracional; na seção 4, apresentamos a análise dos dados; finalmente, na seção 5, apresentamos a considerações finais.

2. Apresentação do problema

A escola bilíngue desenvolve suas atividades educacionais priorizando a LIBRAS e a modalidade escrita da língua portuguesa. Com a observação da produção escrita em português de alunos surdos, verificamos vários fenômenos: sobre a produção de verbos, percebemos que há a ausência de marcação morfológica de tempo, modo, número e pessoa, ou ainda essa flexão não está de acordo com o contexto gramatical. Outros problemas envolvem repetições, ausência de marca de pontuação, de preposições, artigos e outros. Hipoteticamente, os alunos surdos têm acesso à GU (Gramática Universal) e iniciam a aquisição de L1, que é a LIBRAS, e depois devem adquirir a língua portuguesa escrita como L2.

Diante disso, elaboramos este estudo para verificar a forma como as categorias da gramática se desenvolvem na interlíngua do surdo aprendiz de português como L2. Na análise, discutimos, em particular, a realização da estrutura oracional considerando, o núcleo do predicado e sua relação com sujeito e o complemento. Para tanto, investigamos a interlíngua dos surdos aprendizes do português, para analisar a forma como é realizada a função sintática de sujeito e de complemento na estrutura oracional. Assim, uma questão relevante é investigar que relação pode ser estabelecida entre a flexão verbal e a expressão dos argumentos em português.

A interlíngua é o sistema linguístico que se manifesta no processo de aquisição de uma segunda língua. Em nossa análise, vamos examinar as sentenças em português e como os alunos surdos realizam os argumentos internos na posição de complemento e os argumentos externos na posição de sujeito. Em nossa análise piloto, e também nos estudos prévios que consultamos, verificamos que, na maioria dos textos criados pelos alunos surdos, os argumentos não estão sintaticamente expressos por meio do sintagma nominal, do sintagma pronominal, ou ainda, não há relação entre o argumento nulo e a presença da flexão no verbo. Hipoteticamente pode ser que os estudantes surdos manifestam essas dificuldades porque a aquisição ocorre em estágios e requer o acesso ao input linguístico adequado. Em relação aos surdos em contexto educacional, pode-se supor que não houve o ensino das

estruturas da língua (o acesso ao input linguístico foi insuficiente) ou faltou o material didático adequado. Outra razão pode ser a falta de conhecimento da L1 (LIBRAS). De acordo com as pesquisas, é desejável que os surdos adquiram a língua de sinais para que possam desenvolver a habilidade de produção escrita de L2 (cf. QUADROS 1997).

237

A língua de sinais (L1) do surdo utiliza pronomes, verbos, estrutura argumental, e todas as categorias da gramática. Na aquisição da L2, o surdo deverá desenvolver esse conhecimento com as categorias da gramática da língua portuguesa, que está sendo adquirida.

O objetivo deste trabalho é analisar a produção escrita em língua portuguesa (LP) como segunda língua (L2) por surdos matriculados da Escola para Surdos “Dulce de Oliveira” na cidade de Uberaba/MG, investigando as características da interlíngua em relação à expressão morfossintática da estrutura argumental.

3. Referencial Teórico

Segundo Chomsky (1965), a aquisição da linguagem é diferente de outras formas de aprendizagem. O ser humano teria o que foi chamado de Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) inato, que, quando ativado, gera a gramática da língua à qual a criança está exposta a partir de sentenças. Neste trabalho, adotamos a hipótese inatista de Chomsky (1965) e o modelo teórico de Princípios e Parâmetros, desenvolvido em Chomsky (1986). Nessa abordagem, a aquisição da língua é inata, isto é, ocorre em todo o ser humano, e é um processo natural. Esse processo de aquisição de língua se inicia com a Gramática Universal (GU). A partir da Gramática Universal (estado mental inicial), a criança vai construindo a sua L1. A aquisição de L2 é um pouco diferente da aquisição de L1. Para adquirir a segunda língua, a hipótese que adotamos neste trabalho é a de que a pessoa também se baseia na Gramática Universal (GU). No entanto, o acesso à GU é feito por meio da primeira língua (L1). A L1 é o início do processo de aquisição de L2 – em termos cognitivos, é

o estado mental inicial. A hipótese de trabalho é que o surdo acessa a LIBRAS para construir a gramática do português. Por isso, muitos aprendizes, no processo de aquisição da L2, produzem as frases da L2 usando estruturas da L1. Partindo da hipótese de que a aquisição de L2 é mediada pela primeira língua (L1), com acesso parcial à Gramática Universal (GU) (cf. Chomsky 1986; 1995; White 2003), tem-se a observação de que, apesar da interferência de Libras, a interlíngua não viola os princípios da GU.

238

Têm-se trabalhos publicados por estudiosos e linguistas abordando pesquisa com crianças em fase de desenvolvimento, inclusive com crianças surdas, e propõe-se que as crianças surdas possam adquirir a linguagem da mesma forma que as crianças ouvintes, seguindo as mesmas fases do processo. Quadros (1997) tem mostrado no seu trabalho que o processo de aquisição de línguas de sinais é semelhante ao das línguas orais, mas a pesquisa foi realizada com filhos surdos de pais surdos, e não com filhos surdos de pais ouvintes. Essa diferença é muito importante, pois a aquisição tardia pode apresentar outras características. O ideal é que a criança surda seja exposta à LS precocemente.

Ferreira (2013) aborda a importância da aquisição precoce da língua de sinais pela criança surda através do contato visual com seus familiares que sabe língua de sinais, sendo essa atitude fundamental para que as crianças surdas tenham a mesma possibilidade de desenvolvimento linguístico e cognitivo que uma criança ouvinte. Desse modo, a aquisição da língua de sinais como primeira língua gera mais facilidade no aprendizado da língua portuguesa como segunda língua.

Nesse caso, segundo a autora, o *input* é o da modalidade viso-espacial, o que confirma que *input* de língua de sinais é mais adequado para o desenvolvimento da competência linguística da criança surda. Já a aquisição de língua portuguesa, “deve ser em um contexto formal, por meio de exercícios de oralização ou por meio da escrita” (Ferreira, 2013). Dessa forma, a aquisição da L1 gera mais facilidade no aprendizado da segunda língua.

As inúmeras teorias de aquisição-aprendizagem da L1 e da L2 afirmam que é um processo complexo. Em relação à aquisição de L2, assumimos a hipótese da interferência da L1 na interlíngua. Essa interferência gera um sistema que se desenvolve em direção à língua alvo, à medida que ocorre o acesso ao input da L2: a interlíngua. Nesse processo, são relevantes algumas questões sintáticas que envolvem a ordem das palavras, a flexão, a concordância, o uso de pronomes, entre outras.

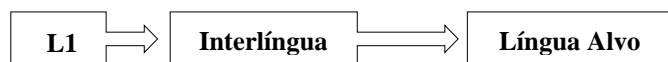
3.1 O conceito de interlíngua

Em 1972, o Larry Selinker criou o termo 'interlíngua - IL', que se refere a "um estágio intermediário de um aluno que pretende adquirir uma segunda língua", ou seja, "o sistema de transição criado pelo indivíduo ao longo de seu processo de assimilação de uma língua". Esse termo inclui a interferência da língua materna, já que é importante distinguir como se manifesta na interlíngua durante o processo de aquisição.

O conceito de interlíngua se refere ao comportamento linguístico sistemático de aprendizes de uma segunda língua. Selinker aborda a interlíngua como uma pergunta: "é uma hipótese da estrutura psicológica que seria diferente da estrutura linguística latente então como explicar que alguns aprendizes adultos são mais bem-sucedidos do que outros e em torno de 5% são capazes de atingir a proficiência e o desempenho de um falante nativo?" Essa questão é legítima, mas sua resposta não é fácil, pois envolve a discussão de outros aspectos como o 'período crítico' e 'fossilização'. O primeiro se refere à idade ideal para a aquisição de língua, geralmente até a puberdade, tornando a aquisição de L2 por adultos um processo comprometido. O segundo diz respeito à tendência observada no aprendiz de L2 de estacionar o processo de aquisição, o que se explicaria pela possibilidade de manter a comunicação com o conhecimento disponível.

A palavra interlíngua se divide em dois componentes: 'língua' e 'inter'. A palavra 'língua' representa a ideia de um sistema linguístico autônomo e 'inter', um

estágio no desenvolvimento linguístico. Nesse caso, apresenta propriedades da L1 do aprendiz e da língua alvo (L2), mas se difere de ambas (Selinker 1972 *apud* Ellis, 1994, 1997).



Nemser (1994, p. 84) afirma que “a interlíngua (IL) enfatiza o fato de que os aprendizes criam sistemas que se aproximam gradualmente da língua-alvo e que variam progressivamente com o nível de domínio dessa língua”. Adjenian (1992, p. 158) afirma que “a gramática da IL é diferente daquela da língua materna e da língua-alvo, e defende a necessidade de desenvolver uma teoria da Interlíngua.” Assim, o autor propõe “uma metodologia que isole os aspectos específicos da IL, distinguindo-a das demais línguas naturais”.

Diante disso, os pesquisadores explicam e distinguem as estruturas linguísticas durante o processo de aquisição-aprendizagem da L1 e L2, ressaltando que, em ambos os casos, é um processo muito complexo. Portanto, todo aprendiz de L2 tem algumas marcas de uma interlíngua, como estrutura sintática inadequada, construção de sentenças incompletas, falhas na concordância, troca da ordem das palavras na sentença, uso inadequado do verbo e de outros elementos gramaticais.

No processo de aquisição de L2, o surdo, aprendiz de português, desenvolve a interlíngua. Essa interlíngua é muito interessante para o estudo da situação linguística dos surdos. No caso dos surdos (crianças), no início, predominam as características da língua de sinais, que é a primeira língua dos surdos. Com a exposição à L2 (português), nas fases de desenvolvimento, o aprendiz adquire gradualmente as características da L2.

3.2 Ordem de Constituintes, tipos de verbos, e a realização sintática dos argumentos

A língua portuguesa (LP), embora seja oral-auditiva possui estrutura frasal semelhante à estrutura da Língua Brasileira de Sinais, que é viso-espacial, no que se refere à ordem dos termos: SVO. Vejamos a seguir, comparativamente, dados de LIBRAS e do português. Em (1) e (2), temos dados da LIBRAS:

(1) J-O-A-O GOSTAR M-A-R-I-A.

(2) M-A-R-I-A ¹ VIAJAR ONTEM SÃO PAULO.

Nas sentenças (1) e (2), os predicados são realizados pelos verbos 'GOSTAR' e 'VIAJAR', que estão sem as marcas de tempo, ou seja, sem flexão verbal de tempo. Mas para indicar o tempo, em alguns casos, por exemplo, os sinalizadores utilizam os itens lexicais, como os advérbios 'HOJE', 'ONTEM', 'AMANHÃ', entre outros. O uso dos advérbios de tempo não é obrigatório, se existem indícios contextuais para a determinação do tempo.

Conforme observado por Lehmann (1978, apud PEZATTI, 1993, p.171), "as línguas SVO requerem a manifestação de seus três constituintes: o sujeito, o verbo e o objeto, o que pressupõe não só o emprego de substitutos de nomes, como os pronomes, mas também os de verbos nas orações". Quadros e Karnopp (2004) afirma que a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS é SVO. Vejamos os exemplos em relação à ordem:

(3) VOCÊ GOSTAR LASANHA.

S V O

(4) MEU AMIGO VIAJAR SÃO PAULO.

S V O

¹ A transcrição do item lexical, quando separada por hífen, indica a utilização do alfabeto manual para soletração de nomes que não possuem sinal.

Outro aspecto importante da gramática de LIBRAS é a presença de verbos sem concordância e verbos com concordância. Quadros e Karnopp (2004) propõem a seguinte classificação:

- verbos sem concordância: se subdividem em verbos simples e verbos espaciais, por exemplo: TER, LEMBRAR são verbos simples; NAMORAR, ANDAR, verbos espaciais.
- verbos com concordância: veja o exemplo DAR:

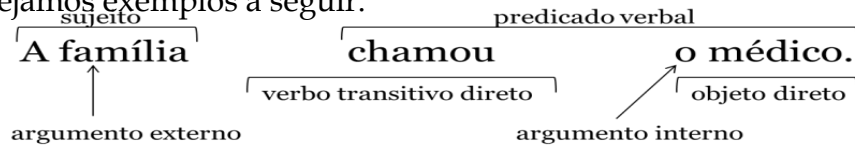
242

O item lexical 1-DAR-2 / 1-DAR-3, apresenta a configuração de mão com a palma da mão para cima, e o movimento parte de quem 'dá', que é o sujeito, em direção à pessoa que 'recebe', que o objeto. Ainda, a palma da mão fica voltada para a direção de quem está recebendo, se é, por exemplo, para o sinalizador 2-DAR-1 ou para a 3ª pessoa 2-DAR-3. Vemos que o parâmetro da orientação de mão e o parâmetro do movimento são diferentes, mas os outros parâmetros, como a configuração de mão e o ponto de articulação, são os mesmos. Portanto, o verbo anterior é verbo com concordância. Diferentemente, nos verbos simples e os verbos espaciais, o movimento e a orientação da mão não estão relacionados com a função sintática de sujeito e de objeto.

De acordo com Ferreira (2013, p. 42), "a flexão (concordância) de pessoa e número é marcada pela direcionalidade do sinal, ou seja, o movimento que se faz do argumento sujeito na direção do argumento objeto." E ainda nas palavras de Meir et al (2008, p. 87), os verbos acima "codificam o papel sintático dos argumentos, como as características de pessoa e número através da direção do movimento das mãos e posição das palmas."

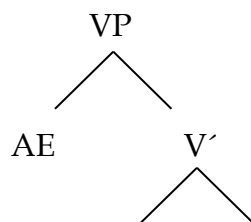
Como nesse trabalho analisamos a expressão sintática dos argumentos externo e interno, é necessário apresentar a definição desses conceitos, para a análise das sentenças criadas pelos surdos. O especificador e complemento dos núcleos lexicais são chamados de argumentos, que se subdividem em dois tipos: externo e interno.

Os argumentos externo e interno são elementos que constituem a estrutura argumental de um predicado. Argumento externo é realizado na posição do especificador e o argumento interno é realizado na posição de complemento do sintagma. Vejamos exemplos a seguir:



O verbo da sentença acima apresenta um argumento externo, que é realizado na posição de sujeito ('a família') e um argumento interno ('o médico'), que é realizado na posição de objeto direto ('o médico'). Em português, o verbo concorda com o sujeito, portanto, nessa oração o verbo está flexionado na 3ª pessoa do singular, e concorda com o núcleo do sintagma nominal 'família', que é marcado na 3ª pessoa do singular. Nessa oração, o argumento externo e o argumento interno são obrigatórios: se a oração ocorre sem o sujeito ou sem complemento, o ouvinte/ leitor não saberá quem chamou 'o médico' ou quem 'a família' chamou, portanto o verbo necessita do sujeito e do complemento para que a sentença seja bem formada.

Nesse caso, temos dois sintagmas nominais que funcionam como argumentos de um núcleo lexical 'chamar', mas é necessário decidir qual é argumento externo (AE) e qual argumento interno (AI). Se um verbo tem dois argumentos, um é o externo, e outro é o interno. Adotando a teoria X-Barra da projeção sintagmática, a estrutura sintática fica projetada como a seguir, em que o argumento interpretado como 'agente' é realizado como argumento externo, e o argumento interpretado como 'tema/paciente' é realizado como argumento interno:



V AI

Notamos que AE = Spec (especificador) e AI = Compl (complemento).

Raposo (1992) afirma que “as expressões linguísticas contêm um predicador central e um determinado número de argumentos que lhe completam o sentido, tornando a sentença semanticamente completa”.

244

Mostramos na tabela a seguir, exemplos de verbos e do número de argumentos que têm:

SINTAGMA VERBAL	ESTRUTURA ARGUMENTAL
COMPRAR	2 argumentos
GOSTAR	2 argumentos
BRINCAR	2 argumentos
PEGAR	2 argumentos
DAR	3 argumentos
CHEGAR	1 argumento

4. Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por uma metodologia de pesquisa exploratória. A instituição onde foi realizada a coleta de dados é uma Escola para Surdos em Uberaba/MG, que desenvolve as atividades educacionais buscando priorizar a Língua Brasileira de Sinais e a modalidade escrita da língua portuguesa, adotando-se uma proposta pedagógica em educação bilíngue. Sendo assim a coleta de dados se deu por meio de atividades escritas em português a partir de um tema proposto livre e comum, com o apoio de recurso visual (fotografia). Conforme mencionado, a pesquisa tem como objetivo principal é verificar a realização sintática dos argumentos interno e externo nas sentenças produzidas por surdos em português como segunda língua, considerando a interferência da L1 na interlíngua. A coleta dos dados buscou: estimular, através de diferentes técnicas e recursos, a criatividade e a capacidade dos alunos surdos de externar seus pensamentos de forma clara e objetiva; utilizar vocabulário trabalhado em aula (verbos, substantivos,

adjetivos) em português; criar a produção textual como histórias, frases contextualizadas por meio da pedagogia visual.


Nesse sentido, esta pesquisa discute a hipótese da interferência da L1 na aquisição da L2, por meio do conceito de interlíngua. Após a coleta dos dados, fizemos a análise da produção textual em LP por alunos surdos em diferentes turmas do ensino fundamental matriculados na escola pública.

4.1 Análise preliminar dos dados

Nesta seção, apresentamos uma análise piloto de um dos textos produzidos por um aluno surdo não oralizado, em contexto educacional.

NARRAÇÃO


1) Analise as imagens a seguir:



Começo



Meio



Fim

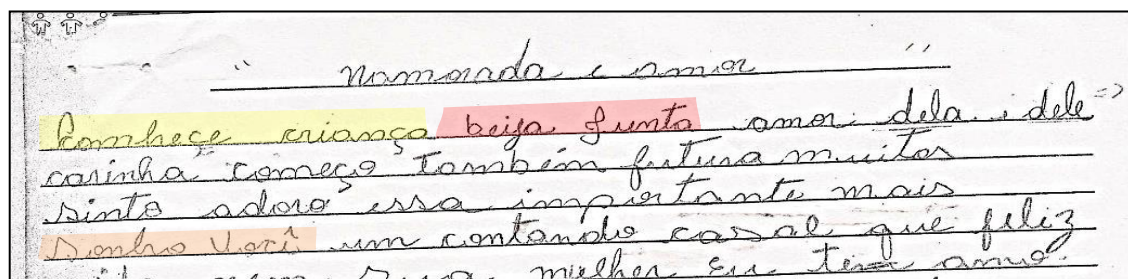


Tabela: Uma análise da expressão sintática da estrutura argumental na interlíngua e na língua alvo (português L2)

Participante B.H. (surdo não oralizado) - 17 anos - 8º ano					
Interlíngua		Predicador verbal/ Estrutura Argumental	Língua-alvo (português)	Voz Ativa/ Passiva	Voz Reflexiva/ Recíproca
(1)	“Conhece criança”	X conhecer Y = 2 argumentos	X e Y se conheceram desde criança		X
(2)	“Beija junta”	X beijar Y = 2 argumentos	X e Y se beijaram		X
(3)	“Sonho você”	X sonhar [com] Y = 2 argumentos	Sonho com você	X	

Interlíngua: (1) “Conhece criança”

Português (língua alvo/L2): “Eles se conheceram desde criança”.

LIBRAS (L1): “PASSADO <ELE-2>_{3p} [RECÍPROCO] CRIANÇA JÁ CONHECER”.

Na sentença (1), o dado da interlíngua do surdo apresenta características distintas da língua-alvo. Na estrutura argumental do verbo *conhecer*, existem dois argumentos X conhecer Y. No entanto, nesse caso, a sentença não indica o sujeito e o objeto como argumento externo nem interno. Na relação sujeito-predicado, a ordem identifica o sujeito e o objeto. No entanto, no caso do verbo *conhecer*, por exemplo, é possível dizer: *João conhece Maria / Maria conhece João*. Ou seja, *João* e *Maria* são potenciais sujeitos do verbo *conhecer*. As propriedades semânticas do verbo permitem que essa sentença seja representada na voz reflexiva. Assim, é possível construir a sentença como: *João e Maria se conheceram*. Entende-se, portanto, que a estrutura da interlíngua mostra o verbo na voz reflexiva, que corresponde na língua alvo a *eles se conheceram desde criança*. Nessa estrutura, *desde* é um elemento que, na língua-alvo, indica o adjunto adverbial de tempo. Sabe-se que o usuário de LIBRAS como L1 geralmente não utiliza artigos, pronomes, preposições. Então a interlíngua do surdo é diferente da língua-alvo (português). Na LIBRAS, existe um sinal marcador da voz reflexiva [RECÍPROCO], que pode ser comparado com o pronome ‘se’ do português. No entanto, o pronome ‘se’ não é encontrado na interlíngua.

Interlíngua: (2) “beija junta”

Português (língua alvo/L2): “Eles se beijaram”.

LIBRAS (L1): “PASSADO <ELE-2>_{3p} BEIJAR_[RECÍPROCO]”

Na sentença (2), o verbo *beijar* é o predicado da sentença e seleciona dois argumentos. Em português e LIBRAS, esse predicado é estruturado como X *beijar*/BEIJAR Y. Por hipótese, na interlíngua “*beija junta*” indica a voz reflexiva. No entanto, não aparece o pronome reflexivo. Também, a oração não realiza a posição de sujeito. Nesse caso, a estrutura da palavra ‘*junta*’ se refere aos argumentos do verbo ‘João (menino)’ e ‘Maria (menina)’. Com o verbo marcado com o advérbio ‘*junto*’, sendo o predicado analisado como recíproco. Na língua alvo, a oração deve ser realizada com a marca do pronome reflexivo, como em *eles se beijaram*. Essa sentença representa o problema da falta da realização sintática dos argumentos e esse é o motivo para se tornar a sentença agramatical.

Interlíngua: (3) “sonho você”

Português (língua alvo/L2): “Sonho com você”.

LIBRAS (L1): “SONHAR VOCÊ”

Na sentença (3), o dado combinou quase o sentido completo da regra gramatical do português. No predicado com o verbo *sonhar*, existe um argumento externo e um argumento interno, ou seja, o predicado tem dois lugares: X *sonhar com* Y. A função sintática dessa estrutura é expressa por um predicado verbal que tem como núcleo o verbo *sonhar*. O argumento externo é realizado como um sujeito nulo, na desinência do verbo – (eu) *sonh-0_{1s}*, o argumento interno é realizado pelo pronome ‘você’. No entanto, a interlíngua mostra a falta da preposição ‘*com*’. A estrutura da oração está preenchida pelos dois argumentos. No entanto, o texto inicia com o foco narrativo de 3ª pessoa (é o narrador que fala), e essa mudança deveria ser indicada graficamente pela pontuação. Assim, seria necessário inserir a fala do narrador para introduzir a mudança do foco narrativo, com a indicação por meio de dois pontos e do travessão. Ex.: Maria disse para o João: - “Sonho com você”.

Nossa hipótese de trabalho é a de que a ausência sistemática do argumento externo é uma interferência de LIBRAS (L1), uma vez que os participantes são definidos no espaço de sinalização, e o surdo os identifica pela dêixis. Esse processo não é vinculado à realização por meio do item pronominal ou da flexão, conforme previsto na gramática da língua alvo. Essa vinculação deve ser exposta ao surdo no input linguístico.

5. Considerações finais

Neste estudo preliminar, examinamos dados da interlíngua de surdos usuários de LIBRAS (L1) aprendizes de português (L2) em ambiente educacional. Ficou demonstrado que uma dificuldade é a realização sintática dos argumentos do predicado na estrutura oracional, por meio do preenchimento da posição sintática de sujeito e de complemento e do uso da flexão verbal. No entanto, é necessário aprofundar a investigação dessa questão, pela análise controlada do processo de aquisição dessas estruturas, por meio de uma metodologia transversal, que considere o acesso ao input do português L2 no processo educacional. É o que consideramos fazer em pesquisa futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADJENIAN, D. La especificidad de la interlengua y la idealización en el análisis de lenguas segundas em Licerias (1992, p 158).

BRASIL. Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em 18 de abr. 2008.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

_____. *O Conhecimento da Língua – sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves (1994). Lisboa: Caminho, 1986.

ELLIS, R. *The Study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

FERREIRA, G. A. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, 2013.

LEHMANN, W. P. *Syntactic Typology*. Hassocks: Harvester Press, 1978.

LIMA, M. D. Um estudo sobre aquisição de ordem e concordância no português escrito por surdos. Dissertação de Mestrado em Linguística. Universidade de Brasília - DF, 2011.

LIMA-SALLES, H. M. M. e NAVES, R. R. (orgs.) *Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.

MEIR, I.; PADDEN, C.; ARONOFF, M. & SANDLER, W. Repensando classes verbais em línguas de sinais: O corpo como sujeito. In: Vasconcellos, M. L. B.; Quadros, R. M. (orgs.). *Questões Teóricas das Pesquisas em Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Ed. Arara Azul Ltda. 2008, 87-106.

NEMSER, W. Approximative system of foreign language learners. In: *IRAL IX*, 1994.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M & KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SALLES, H. M. L. et al. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SELINKER, L. Interlanguage. In: *IRAL* vol. 10, no. 3, 1972, p. 209-231.

SILVA, M. da P. M. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus, 2001.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf. *Studies in Linguistics*, nº 8. University of Buffalo, 1960.

SVARTHOLM, K. Second language learning in the deaf. In Ahlgren; Hyltenstam (eds) *Bilingualism in deaf education*. Hamburg: Signum-Verl, 1994.

WHITE, L. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press, 2003.